



## CONTENÇÃO FÍSICA DE AVES SILVESTRES: COLUMBIFORMES, FALCONIFORMES, STRIGIFORMES E PSITTACIFORMES – REVISÃO DE LITERATURA

Karina David Amaral<sup>1</sup>  
Deisiane dos Santos Rodrigues<sup>1</sup>  
Fernanda dos Anjos Souza<sup>1</sup>  
Geysa Almeida Viana<sup>2</sup>  
Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná

**Palavras chave:** Estresse, Contenção, Aves

Na rotina Veterinária com animais silvestres, muitas vezes é necessário imobilizá-los para a realização de procedimentos complexos ou simples, logo é de extrema importância saber como conter cada espécie de forma segura tanto para o animal como para o operador (XAVIER, 2012). O estudo visa analisar o conhecimento já existente a respeito da contenção física de algumas espécies de aves silvestres e descrevê-las. O trabalho foi desenvolvido utilizando dissertações e livros. Antes de se conter uma ave é necessário determinar quando e qual a melhor maneira de fazê-la, pois uma contenção inadequada pode terminar em mais ferimentos do que os já apresentados (XAVIER, 2012). Para tanto, faz-se necessário conhecer o comportamento, anatomia, fisiologia e formas de defesa desses animais, a fim de evitar o estresse na sua abordagem (VILA, 2015). Para a contenção de Columbiformes (pombo, rolinha, avoante e juriti) é necessário utilizar as duas mãos, cada uma rodeando um lado do corpo ou apoiando-os na palma de uma mão e com a outra conter a cauda com o dedo polegar e as patas entre os dedos médios e indicador (XAVIER, 2012), sendo que a maioria dos columbídeos podem ser contidos segurando-os com as mãos pela porção abdominal-caudal e asas junto ao corpo a fim de evitar eventuais danos à ave (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2006). O primeiro passo na captura das aves de rapina, que compreendem os Falconiformes e Strigiformes, é trazer a ave para o chão de forma a evitar o pânico e possíveis colisões contra paredes. Para isso o operador deve utilizar um puçá grande construído de material leve (cabo e aro de alumínio) com rede ou náilon de paraquedas. Uma vez no chão e dentro do puçá, os membros posteriores devem ser seguros com a mão devidamente protegida por uma luva, certificando-se de que um dedo esteja entre as duas pernas da ave. O animal pode ser mantido em posição vertical com dorso apoiado no peito do operador de forma a conter as asas evitando fraturas ou quebra das penas. Os olhos devem ser cobertos com toalhas ou capuzes de falcoaria para reduzir sua agitação durante o manejo. Como os Psittaciformes (arara, papagaio e periquito) utilizam o bico para se defenderem, pode-se lançar uma toalha sobre a ave, segurando pelo dorso com uma das mãos enquanto o polegar e o indicador seguram a cabeça na região temporal e porção distal da mandíbula de modo a imobilizar a cabeça sem utilizar força excessiva. Durante a contenção destas aves deve-se deixar a região torácico-abdominal livre e ser o mais breve possível para evitar o estresse e colapsos respiratório e circulatório, podendo ser utilizados puçás e luvas de couro (CUBAS; SILVA; CATÃO-DIAS, 2006). Os lóris, um grupo de Psitaciformes, além de bicarem também apresentam um comportamento reflexo de vômito quando são contidos, devendo se dar atenção a esse vômito para que o animal não se asfixie (WERTHER, 2008). A importância do conhecimento da contenção física em aves de diversas espécies é necessária para evitar eventuais danos físicos e estresse ao animal que dependendo do grau pode leva-lo a óbito, assim como evitar que o operador seja ferido pela mesma, considerando que qualquer ação do animal durante a contenção é resultante de pânico e defesa.

CUBAS, Z. S.; SILVA, J. C. R.; CATÃO-DIAS, J. L. **Tratado de animais selvagens – medicina veterinária**. São Paulo: Roca, 2006.

VILA, L.G. **Midazolam no estresse por contenção em aves silvestres**. 2015. 72 f. Dissertação (Mestrado Ciência Animal) - Escola de Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

XAVIER, S. M. **Contenção física de aves**. 2012. 41f. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina Veterinária) – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Porto, 2012. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10216/63706> >. Acesso em: 18/ 09/2016.

<sup>1</sup>Discentes do 4º período do curso de Medicina Veterinária do CEULJI/ULBRA. E-mail: karina-david-amaral@hotmail.com/ deisiane.rodrigues@hotmail.com/ fernanda.anjos.asc@gmail.com/ cinthyagujanwski@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente Msc. do curso de Medicina Veterinária do CEULJI/ULBRA. E-mail: geysaalmeidav@hotmail.com.